

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

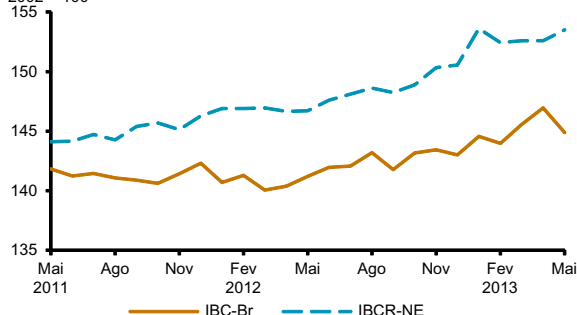
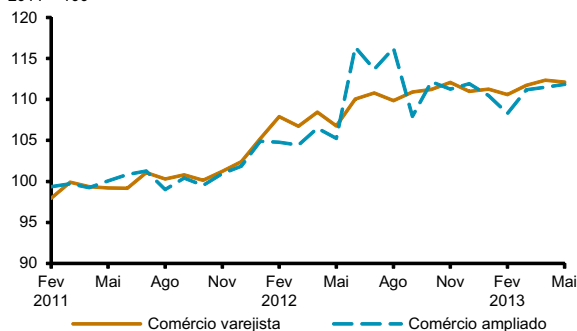


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012		2013	
	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}
Comércio varejista	9,3	-0,4	1,0	7,3
Combustíveis e lubrificantes	9,1	-1,3	4,9	3,8
Híper e supermercados	7,4	-2,7	-1,7	3,9
Móveis e eletrodomésticos	14,4	1,9	1,8	10,7
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	15,9	-12,2	1,1	7,9
Comércio ampliado	9,8	-0,2	1,2	9,0
Automóveis e motocicletas	8,9	2,3	-1,4	10,0
Material de construção	10,9	1,2	4,5	9,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O ritmo de crescimento economia do Nordeste moderou no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro. Nesse sentido, o IBCR-NE registrou aumentos respectivos de 0,5% e 2% nos trimestres mencionados, considerados dados dessazonalizados. A análise em doze meses revela que o indicador cresceu 3,2% em maio (2,7% em fevereiro).

As vendas do comércio varejista no Nordeste¹ cresceram 1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando haviam recuado 0,4%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destacaram-se os aumentos nas vendas de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 8,9%, e de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 6,7%. O comércio ampliado, que incorpora vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, cresceu 1,2% no trimestre, com variações nesses segmentos de, respectivamente, -1,4% e 4,5%.

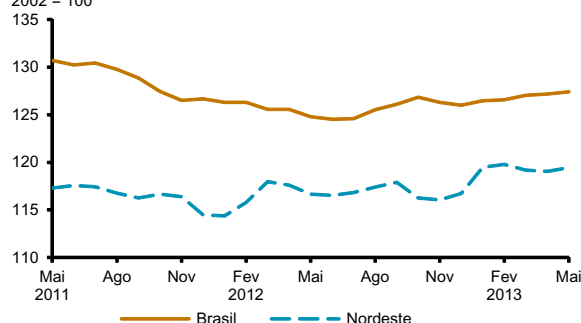
Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região expandiu 7,3% em maio, destacando-se os crescimentos nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 22,6%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,2%. As vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças aumentaram 9,2% e 10%, respectivamente, na mesma base de comparação, contribuindo para que o comércio ampliado da região crescesse 9% no período de doze meses encerrado em maio (9,4% em fevereiro).

A produção da indústria nordestina contraiu 0,3% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando crescera 3,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Destacaram-se os recuos nas atividades têxtil,

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual do Comércio do IBGE.

8,2%, e máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 3,1%; bem como os crescimentos em vestuários e acessórios, 9,1%, e calçados e artigos de couro, 5,4%.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2013	Variação % no período		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	3,2	-0,3	1,3
Indústria extrativa	6,6	1,9	-0,7	-0,4
Indústria de transformação	93,4	3,8	-0,7	1,4
Alimentação e bebidas	29,1	-0,9	0,4	-3,9
Produtos químicos	19,7	3,8	2,2	3,2
Refino de petróleo e álcool	12,4	6,0	1,8	11,6
Metalurgia básica	7,5	1,4	2,2	-2,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial da região expandiu 1,3% em maio (0,6% em fevereiro), resultado de variações de -0,4% na indústria extrativa e de 1,4% na de transformação, com ênfase no dinamismo dos segmentos refino de petróleo e álcool, 11,6%, e calçados e artigos de couro, 7,1%.

O Icei para a região, medido pela CNI, atingiu 53,3 pontos em julho (58,0 pontos em junho e 57,7 pontos em julho de 2012). A Sondagem Industrial elaborada pela CNI sugeriu redução do nível de atividade em junho, com contração da produção mensal e do número de empregados na região. O indicador relativo ao nível de estoque atingiu 50,5 pontos em junho (48,3 pontos em maio e 52,1 pontos em junho de 2012).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$319 bilhões na região, em maio, aumentando 5,3% no trimestre e 17,5% em doze meses. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$152 bilhões, expandindo-se 5,3% e 16%, respectivamente, no trimestre e em doze meses, destacando-se créditos destinados às atividades transmissão e distribuição de energia elétrica e gás, serviços públicos (exceto educação e saúde) e construção civil. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$167 bilhões, elevando-se 5,2% no trimestre e 18,8% em doze meses, assinalando-se o dinamismo das modalidades crédito consignado, empréstimos habitacionais e financiamento a veículos.

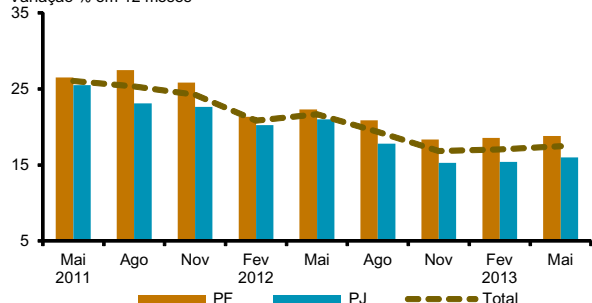
A inadimplência atingiu 4,2% em maio (4,1% em fevereiro e 4,3% em maio de 2012). A taxa situou-se em 6,7% no segmento de pessoas físicas e em 2,3% no de pessoas jurídica.

Os desembolsos do Sistema BNDES – BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$10,1 bilhões nos cinco primeiros meses de 2013, elevando-se 99,1% em relação a igual período de 2012.

O *superavit* primário dos governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Nordeste atingiu R\$3,6 bilhões nos três primeiros meses de 2013, reduzindo-se 16,6% em relação a igual período do ano anterior. Por esfera de administração, houve variações respectivas de

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.3 – Necessidades de financiamento – Região Nordeste^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Total	-4 296	-3 582	1 617	1 007
Governos estaduais	-3 272	-2 640	1 569	937
Capitais	-651	-833	18	38
Demais municípios	-374	-110	30	32

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 2.4 – Dívida líquida – Região Nordeste^{1/}
Composição

Região Nordeste	R\$ milhões		
	2011	2012	2013
	Dez	Dez	Mar
Dívida bancária	10 309	12 427	12 172
Renegociação ^{2/}	23 313	23 000	22 727
Dívida externa	5 080	8 715	9 237
Outras dívidas junto à União	101	62	67
Dívida reestruturada	805	817	805
Disponibilidades líquidas	-6 759	-7 497	-10 431
Total (A)	32 848	37 524	34 577
Brasil^{3/} (B)	491 433	541 717	533 065
(A/B) (%)	6,7	6,9	6,5

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 2.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Nordeste^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
		2012	Outros ^{4/}			
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Total	37 524	-3 582	1 007	-2 575	-372	34 577
Governos						
estaduais	36 088	-2 640	937	-1 702	-387	33 998
Capitais	803	-833	38	-794	15	24
Demais munic.	633	-110	32	-78	-0	555

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

-19,3%, -70,6% e 28,0% nos *superavits* dos governos estaduais, dos demais municípios da região e das capitais.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$1 bilhão no período, sendo R\$0,9 bilhão relativo à dívida de responsabilidade da esfera estadual. O *superavit* nominal somou R\$2,6 bilhões no trimestre, recuando 39,2% em relação a igual período de 2012.

A dívida líquida de estados, capitais e principais municípios do Nordeste totalizou R\$34,6 bilhões em março (6,5% do endividamento das regiões), recuando 7,9% em relação a dezembro de 2012. As dívidas renegociadas/reestruturadas com a União respondiam por 68,1% do endividamento líquido em março de 2013.

A produção de grãos da região Nordeste deverá somar 12,2 milhões de toneladas em 2013, segundo o LSPA de junho, divulgado pelo IBGE. O aumento anual, projetado em 2,4%, não será suficiente para impedir que a participação do Nordeste na safra de grãos do país recue 0,7 p.p., para 6,6%, no ano. Estão estimadas retrações respectivas de 12,9% e 20,0% para as produções de soja e caroço de algodão, prejudicadas pela seca, e aumentos de 93,2% para a colheita de feijão e de 24,5% para a de milho.

Em relação a outras culturas importantes na região, estão estimados aumentos de 1,6% para a lavoura de cana-de-açúcar e de 12,3% para a de banana, e redução de 16,4% para a produção de mandioca.

A balança comercial do Nordeste foi deficitária em US\$6,5 bilhões no primeiro semestre do ano (US\$3,6 bilhões em igual período de 2012), reflexo de variações de 12% nas importações e de -15,7% nas exportações, que somaram US\$14,2 bilhões e US\$7,7 bilhões, respectivamente.

A trajetória das exportações, refletindo recuos de 4,9% nos preços e de 11,3% no *quantum*, decorreu de retrações nas vendas em todas as categorias de fator agregado. Os embarques de produtos básicos recuaram 24,2%, refletindo, em parte, a redução de 92% nos destinados à China. As exportações de produtos semimanufaturados decresceram 0,7%, destacando-se os recuos nas vendas de pastas químicas de madeira, 2,5%, e de açúcar de cana em bruto, 6,6%. As vendas de produtos manufaturados reduziram-se 20,4%, com ênfase no impacto da diminuição de 44,6% nas relativas a óleos combustíveis, principal item da categoria, e da base de comparação, elevada em

Tabela 2.6 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas			Var. % 2013/2012
		Produção ^{2/}		2013	
		2012	2013		
Produção de grãos		11 885	12 170		2,4
Soja	15,08	6 096	5 307		-12,9
Milho	8,42	3 901	4 855		24,5
Caroço de algodão (herbáceo)	8,15	855	684		-20,0
Feijão	5,01	258	499		93,2
Outras lavouras selecionadas					
Cana-de-açúcar	17,56	68 137	69 227		1,6
Mandioca	5,54	5 976	4 995		-16,4
Banana	5,43	2 428	2 725		12,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

Tabela 2.7 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	9 130	7 701	-15,7	-2,4
Básicos	2 105	1 594	-24,2	-2,6
Industrializados	7 026	6 107	-13,1	-2,2
Semimanufaturados	2 607	2 589	-0,7	-3,8
Manufaturados ^{1/}	4 419	3 518	-20,4	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.8 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	12 716	14 240	12,0	6,7
Bens de capital	1 498	2 184	45,8	6,6
Matérias-primas	5 096	5 577	9,4	6,8
Bens de consumo	1 174	1 144	-2,6	2,6
Duráveis	850	783	-7,9	-4,5
Não duráveis	324	361	11,3	11,9
Combustíveis e lubrificantes	4 948	5 335	7,8	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.9 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012		2013		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	-28,7	73,2	102,1	-95,8	-35,2
Indústria de transformação	-59,0	24,3	50,4	-41,7	-40,8
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	-0,5	-2,1	0,6	1,3
Construção civil	6,8	5,1	-0,2	-14,1	-2,6
Comércio	4,9	6,6	36,2	-11,1	-2,5
Serviços	20,5	18,9	21,1	-6,3	13,4
Agropecuária	-2,9	18,1	-2,9	-22,3	-4,6
Outros ^{2/}	0,9	0,8	-0,5	-0,8	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

2012 pela exportação de plataformas de perfuração ou de exploração. As exportações destinadas à China, EUA, Argentina, Holanda e Antilhas Holandesas representaram, em conjunto, 49,7% das vendas da região.

O crescimento das importações repercutiu variações de 14,7% no *quantum* e -2,4% nos preços. Destaque para o aumento de 45,8% nas aquisições de bens de capital, impulsionado, entre outros, pelas compras de outros grupos eletrogeradores de energia eólica, que atingiram US\$95,3 milhões (US\$50,5 milhões nos seis primeiros meses de 2012). As compras de bens intermediários cresceram 9,4% com ênfase nos aumentos em produtos químicos e farmacêuticos semi-elaborados, 11,6%, e combustíveis e lubrificantes, 7,8%. As importações de bens de consumo duráveis decresceram 7,9%, com redução de 13,3% nas compras de veículos automóveis de passageiros, e as de bens de consumo não-duráveis aumentaram 11,3%. As importações provenientes dos EUA, China, Argentina, Índia e Chile representaram, em conjunto, 52,3% do total adquirido pela região no semestre.

A economia da região eliminou 35,2 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio de 2013 (28,7 mil em igual período do ano anterior), de acordo com o Caged/MTE. Esse resultado em parte refletiu, em parte, o menor dinamismo da construção civil e do comércio, responsáveis, em conjunto, pela eliminação de 5 mil vagas, ante criação de 11,7 mil no trimestre finalizado em maio de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível do emprego formal cresceu 0,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro. Houve aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com ênfase em serviços industriais de utilidade pública, 1,1%, e indústria de transformação, 0,6%.

A taxa de desemprego no Nordeste, segundo dados do IBGE para as regiões metropolitanas de Recife (RMR) e de Salvador (RMS), atingiu 7,1% no trimestre terminado em maio. A estabilidade em relação a igual período de 2012 decorreu de aumentos de 3% na População Economicamente Ativa (PEA) e na população ocupada. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real diminuíram, respectivamente, 3,2% e 0,2%, na mesma base de comparação. Note-se ainda que a taxa média de desemprego no Nordeste atingiu 6,8% no trimestre finalizado em maio (6,5% no trimestre anterior), de acordo com dados dessazonalizados.

Tabela 2.10 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2012	2013		Ano
	Ano	I Tri	II Tri		
IPCA	100,0	6,50	2,19	1,33	3,54
Livres	79,0	7,17	3,02	1,57	4,63
Comercializáveis	39,7	4,54	1,51	0,77	2,29
Não comercializáveis	39,2	10,08	4,64	2,41	7,16
Monitorados	21,0	4,20	-0,78	0,42	-0,37
Principais itens					
Alimentação	28,8	11,98	5,69	1,73	7,51
Habitação	13,3	6,41	-2,12	2,28	0,11
Artigos de residência	4,8	-0,45	1,52	1,25	2,79
Vestuário	7,5	3,67	-0,20	1,87	1,67
Transportes	17,5	1,97	1,58	-0,64	0,93
Saúde	10,8	5,43	1,54	2,54	4,12
Despesas pessoais	8,8	10,02	1,74	1,61	3,38
Educação	4,4	8,20	6,19	0,54	6,77
Comunicação	4,2	1,18	-0,10	0,07	-0,03

Fonte: IBGE

1/Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

A inflação na região, medida pelo IPCA², atingiu 1,33% no trimestre encerrado em junho (2,19% no trimestre anterior), refletindo menor variação dos preços livres, 1,57% ante 3,02%; e maior dos monitorados, 0,42% ante -0,78%. O comportamento dos preços livres resultou de reduções nas variações dos preços dos bens não comercializáveis, de 4,64% para 2,41%, influenciada por recuos nos preços de passagens aéreas, 12,77%, e pescados, 2,63%; e dos preços de bens comercializáveis, de 1,51% para 0,77%.

O aumento de 0,42% nos preços dos itens monitorados, no segundo trimestre, esteve associado, principalmente, aos reajustes de 5,04% nas taxas de água e esgoto, decorrente de aumentos de 7,27% na região metropolitana de Salvador e de 1,28% na de Fortaleza (RMF); e de 2,33% no item telefone público. O índice de difusão do IPCA atingiu 59,09% no trimestre encerrado em junho (63,62% no trimestre anterior).

O ritmo de atividade da economia nordestina moderou no primeiro semestre, em parte, influenciado pelo condições climáticas adversas sobre a agricultura.

2/ Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados

2002 = 100

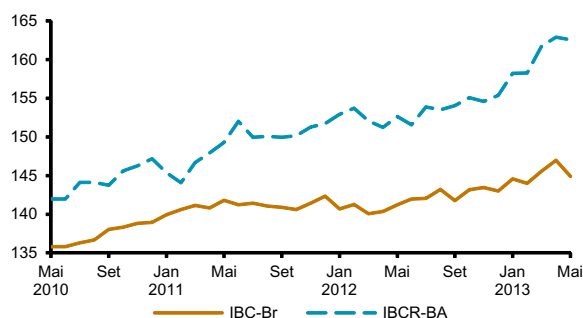
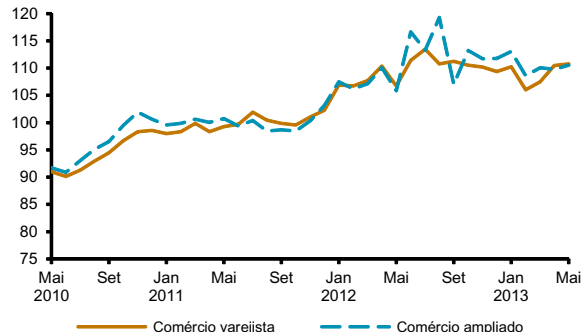


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.11 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012		2013	
	Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-1,1	-1,9	1,0	6,1
Combustíveis e lubrificantes	-10,5	-7,3	5,1	-5,0
Híper, supermercados	4,8	-2,5	-2,7	3,5
Tecidos, vestuário e calçados	1,7	0,9	-0,4	12,0
Móveis e eletrodomésticos	-2,2	2,3	4,7	8,5
Comércio ampliado	-4,9	0,4	-0,9	8,8
Automóveis e motocicletas	-14,7	6,9	-5,1	16,1
Material de construção	0,0	0,0	3,6	5,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia cresceu 1,5% no primeiro trimestre de 2013, em relação ao mesmo período do ano anterior, conforme estimativas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Ocorreram expansões de 3,2% do setor industrial, com crescimento de 6,4% da indústria de transformação e recuo de 3,8% da construção civil, após 28 resultados trimestrais positivos em sequência; e de 0,9% no setor de serviços, destacando-se o aumento de 6,2% no transporte de passageiros e cargas. A agropecuária, sensibilizada pela prolongada seca, contraiu 4,3%, destacando-se as reduções nas lavouras de soja e algodão. O PIB aumentou 1,48% em relação ao quarto trimestre de 2012, considerados dados dessazonalizados. O IBCR-BA cresceu 3,3% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando aumentara 1,8%, no mesmo tipo de análise, dados dessazonalizados. O indicador expandiu 3,5% em doze meses.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,0% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando haviam recuado 1,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se, no período, as variações nos segmentos combustíveis e lubrificantes, 5,1%, e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, -2,7%. O comércio ampliado, incluídas as variações de 3,6% nas vendas de material de construção e de -5,1% nas associadas a veículos, motocicletas, partes e peças, retraiu 0,9% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista expandiu 6,1% em maio, ressaltando-se os aumentos respectivos de 12,0% e 8,5% nas vendas de tecidos, vestuário e calçados, e de móveis e eletrodomésticos. As vendas do comércio ampliado, refletindo as elevações nos segmentos veículos, motos, partes e peças, 16,1%, e material de construção, 5,4%, aumentaram 8,8% no período.

A produção industrial recuou 0,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando havia crescido 3,8%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Esse desempenho foi influenciado pelas contrações respectivas de 2,4% e 2,2% nos segmentos produtos químicos, e refino de petróleo e produção de álcool, as duas principais atividades da indústria no estado. Em sentido contrário, as indústrias de alimentos e bebidas, e de celulose e papel cresceram 2,5% e 2%, respectivamente, no período.

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

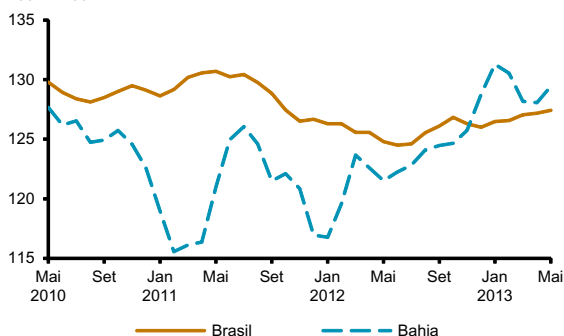


Tabela 2.12 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2013		Acumulado em 12 meses
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	
Indústria geral	100,0	3,8	-0,8	4,6
Indústria extrativa	3,6	-0,1	-2,1	1,8
Indústria de transformação	96,4	4,3	-0,7	4,8
Produtos químicos	31,6	3,2	-2,4	2,0
Ref. petróleo e prod. álcool	21,8	7,9	-2,2	15,3
Alimentos e bebidas	16,2	-6,1	2,5	-4,1
Celulose e papel	10,8	-2,7	2,0	5,4
Metalurgia básica	7,4	3,7	2,9	-1,0

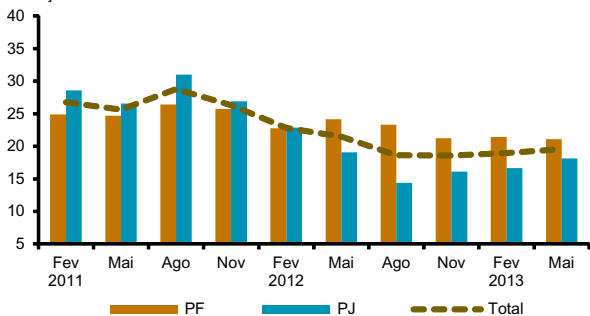
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.13 – Necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado da Bahia	-995	-1 284	204	277
Governo estadual	-969	-889	161	221
Capital	140	-383	20	33
Demais municípios	-165	-12	23	24

1/ Inclui informações dos Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria baiana expandiu 4,6% em maio (2,7% em fevereiro), em relação a igual período de 2012, resultado de crescimentos respectivos de 4,8% e 1,8% nas indústrias de transformação e extrativa. Destacaram-se, nessa base de comparação, os aumentos nas atividades refino de petróleo e produção de álcool, 15,3%, e borracha e plástico, 12%, e a redução de 4,1% na indústria de alimentos e bebidas.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), elaborado pela SEI, atingiu -4,5 pontos em maio (49,1 pontos em fevereiro), primeiro valor negativo da série, iniciada em março de 2010, situando-se na zona definida como de pessimismo moderado (o indicador varia de -1000 a 1000, com o zero como ponto de indiferença). A retração trimestral do indicador traduziu as reduções da confiança dos empresários da agropecuária, 69,4 pontos; do setor de serviços e comércio, 60,8 pontos; e da indústria, 32,6 pontos.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia totalizou R\$90,8 bilhões em maio, crescendo 5,4% no trimestre e 19,6% em doze meses. No segmento de pessoas físicas, o estoque de crédito somou R\$45,2 bilhões, aumentos de 5,3% e 21,1%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação, destacando-se o dinamismo das modalidades empréstimos consignados e financiamentos habitacionais, que, em conjunto, representaram 43,5% do saldo do segmento. O estoque das operações com pessoas jurídicas atingiu R\$45,6 bilhões, expandindo-se 5,4% no trimestre e 18,1% em doze meses, ressaltando-se os crescimentos trimestrais das operações contratadas pela indústria de papel e papelão, 8,3%, e pela construção civil, 7,4%.

A inadimplência das operações de crédito na Bahia atingiu 4,27% em maio (4,30% em fevereiro), situando-se em 5,39% no segmento de pessoas físicas e em 3,17% no de pessoas jurídicas (5,45% e 3,05%, na ordem, em fevereiro).

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia somou R\$1,3 bilhão no primeiro trimestre de 2013, resultado 29,1% superior ao do mesmo período do ano anterior. No período, o *deficit* de R\$140 milhões da capital reverteu-se para *superavit* de R\$383 milhões, enquanto ocorreram reduções respectivas de 8,3% e de 92,5% nos *superavits* dos governos do estado e dos demais municípios.

Tabela 2.14 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
	2012	Nominal	Outros ^{4/}		2013	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Estado da Bahia	11 239	-1 284	277	-1 007	-21	10 211
Governo estadual	9 179	-889	221	-668	-80	8 431
Capital	1 108	-383	33	-350	59	817
Demais municípios	952	-12	24	12	-0	963

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.15 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Varição %
		2012	2013 ^{2/}	2013/2012
Grãos				
Soja	18,5	3 213	2 766	-13,9
Algodão herbáceo	16,4	1 256	1 019	-18,9
Milho	6,3	1 883	2 093	11,2
Feijão	2,6	107	173	61,9
Outros grãos ^{3/}	1,3	85	56	-33,8
Outras lavouras				
Cacau	6,4	159	146	-8,3
Banana	6,1	1 081	1 152	6,6
Café	6,5	143	147	2,8
Mandioca	4,0	2 202	2 100	-4,7
Cana-de-açúcar	3,5	6 894	6 731	-2,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Segundo o LSPA de junho de 2013.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

Tabela 2.16 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	5 135	4 692	-8,6	-2,4
Básicos	1 146	990	-13,6	-2,6
Industrializados	3 989	3 702	-7,2	-2,2
Semimanufaturados	1 290	1 382	7,1	-3,8
Manufaturados ^{1/}	2 699	2 320	-14,0	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.17 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-março

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	3 935	4 071	3,5	6,7
Bens de capital	496	687	38,5	6,6
Matérias-primas	2 620	2 671	1,9	6,8
Bens de consumo	682	585	-14,2	2,6
Duráveis	634	534	-15,8	-4,5
Não duráveis	47	51	7,1	11,9
Combustíveis e lubrificantes	137	129	-5,6	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$277 milhões no trimestre, aumento de 36,2% em relação ao mesmo período de 2012, contribuindo para que o *superavit* nominal totalizasse R\$1,0 bilhão.

A dívida líquida do estado, da capital e dos principais municípios baianos somou R\$10,2 bilhões em março (recuo de 9,1% ante dezembro de 2012). As dívidas dos governos da capital e do estado decresceram, na ordem, 26,3% e 8,1%, e a dos principais municípios da Bahia aumentou 1,2%, no período.

A safra de grãos da Bahia, refletindo os efeitos da seca prolongada que atinge o estado, deverá totalizar 6,1 milhões de toneladas em 2013, de acordo com o LSPA de junho, do IBGE. O recuo anual de 6,7% considera reduções nas culturas de algodão, 18,9%, e soja, 13,9%, e aumentos nas safras de feijão, 61,9%, e milho, 11,2%. Em relação às demais lavouras, são estimadas elevações para as produções de banana, 6,6%, e café, 2,8%, e recuos respectivos de 8,3%, 4,7% e 2,4%, para as lavouras de cacau, mandioca e cana-de-açúcar.

A balança comercial da Bahia foi superavitária em US\$620,4 milhões nos seis primeiros meses do ano, resultado 48,3% inferior ao de igual período de 2012. As exportações totalizaram US\$4,7 bilhões e as importações, US\$4,1 bilhões, variando -8,6% e 3,5%, respectivamente, no período.

A evolução das vendas externas, reflexo de reduções de 2,4% nos preços e 6,4% no *quantum*, foi influenciada, em especial, pelos recuos nos embarques de produtos básicos, 13,6%, e manufaturados, 14,0%. As vendas à China, EUA e Argentina representaram 44,8% das exportações da Bahia, no período.

O aumento nas importações, decorrente de variações de -8,6% nos preços e 13,2% no *quantum*, refletiu, em especial, os aumentos nas aquisições de bens de capital, 38,5%, sensibilizadas por elevação superior a 400% nas compras de veículos de carga; e de matérias-primas, 1,9%, destacando-se o crescimento de 120% nas compras de minérios de cobre. As importações originárias da Argentina, Chile e Argélia representaram, em conjunto, 42,2% das compras externas do estado, no período.

Segundo o Caged/MTE, foram criados 15,1 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio (13,2 mil em igual período de 2012), dos quais 5,1 mil na construção

Tabela 2.18 – Evolução do emprego formal – Bahia

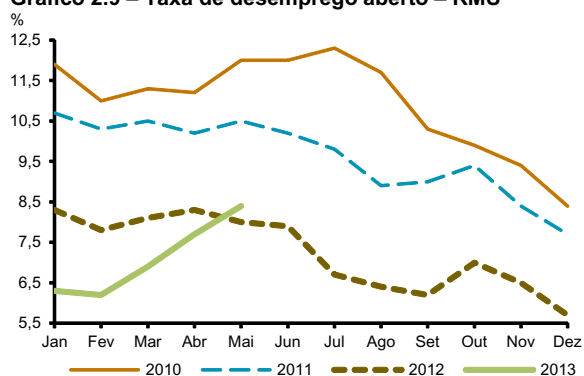
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012			2013	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	13,2	2,9	4,3	-18,0	15,1
Indústria de transformação	1,8	1,7	-3,6	-6,3	1,9
Comércio	-0,2	1,4	7,2	-2,3	0,0
Serviços	2,5	2,9	4,2	-0,7	3,5
Construção civil	3,6	-0,8	1,8	-3,4	5,1
Agropecuária	5,4	-2,1	-4,9	-4,7	4,4
Serviços industriais utilidade pública	-0,4	-0,0	-0,5	0,0	-0,1
Outros ^{2/}	0,4	-0,1	0,1	-0,6	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

Tabela 2.19 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012		2013	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,45	2,31	2,04	1,04
Livres	78,5	1,92	2,39	3,12	1,51
Comercializáveis	37,0	2,09	2,29	1,55	0,58
Não comercializáveis	41,5	1,77	2,48	4,60	2,35
Monitorados	21,5	-0,14	2,04	-1,54	-0,59
Principais itens					
Alimentação	28,0	3,55	3,75	5,74	1,93
Habitação	13,5	1,02	1,32	-2,95	1,67
Artigos de residência	4,7	2,07	-0,36	0,95	1,93
Vestuário	7,2	1,78	3,55	1,39	0,46
Transportes	19,8	-0,20	3,21	0,91	-0,80
Saúde	10,1	0,44	0,75	1,40	2,33
Despesas pessoais	8,1	1,22	1,26	2,08	0,83
Educação	4,2	0,81	0,17	7,25	0,28
Comunicação	4,4	0,43	1,36	0,36	0,32

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2013.

civil, 4,4 mil na agropecuária, 3,5 mil nos serviços e 1,9 mil na indústria de transformação. O nível de emprego formal do estado cresceu 0,2% no trimestre, considerados dados dessazonalizados.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, a taxa de desemprego na RMS atingiu 7,7% no trimestre finalizado em maio, ante 8,2% em igual período de 2012, resultado de aumentos de 4,5% na população ocupada e de 4,0% na PEA. O rendimento médio real habitual reduziu-se 8,1%, no período. Na margem, considerando dados dessazonalizados, o desemprego aumentou 0,6 p.p. em relação ao trimestre finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMS variou 1,04% no trimestre finalizado em junho (2,04% no primeiro trimestre do ano). A variação dos preços livres recuou de 3,12% para 1,51%, refletindo desacelerações de 1,0 p.p. nos preços dos bens comercializáveis, com destaque para as reduções respectivas de 9,07%, 6,10% e 2,47% nos itens passagem aérea, açúcares e derivados e roupa masculina; e de 2,2 p.p. nos preços dos bens comercializáveis, influenciada pela redução de 22,28 p.p. nos preços dos produtos *in natura*. A variação dos preços monitorados passou de -1,54% para -0,59%, aumento associado às elevações nos preços dos itens taxa de água e esgoto, 7,27%; plano de saúde 1,98%; e gás de botijão, 1,86%. O índice de difusão atingiu 59,4% no trimestre encerrado em junho (68,5% no finalizado em março).

Considerados intervalos de doze meses, o IPCA variou 7,02% em junho (7,28% em março). Os preços livres variaram 9,23% (8,53% em março), acelerações respectivas de 0,81 p.p. e 0,56 p.p. nos segmentos de bens não comercializáveis e de bens comercializáveis. Os preços monitorados recuaram 0,27% (aumento de 3,06% em março), destacando-se as reduções nos itens energia elétrica residencial, 26,68%, e ônibus urbano, 5,41%.

As perspectivas para a economia baiana em 2013 seguem favoráveis, com sinais de moderação. A demanda interna segue favorecida pela trajetória do mercado de trabalho e pela continuidade dos programas sociais, que, em ambiente de arrefecimento dos preços, devem contribuir para a sustentação do comércio varejista. Ressaltem-se, ainda, os efeitos dos investimentos públicos e privados em curso no estado.

Ceará

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

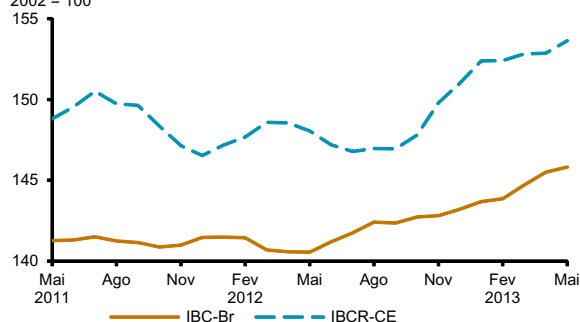
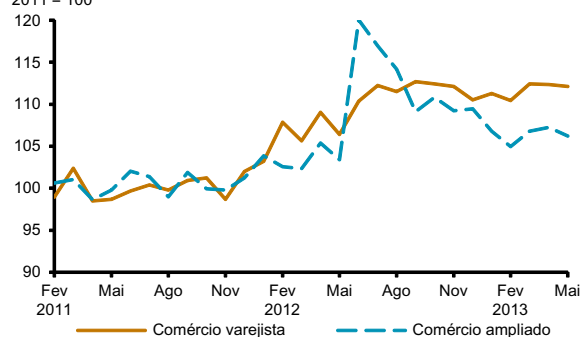


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.20 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	9,6	-1,4	1,4	8,3
Combustíveis e lubrificantes	22,3	5,5	3,8	22,2
Hiper e supermercados	7,5	-3,9	-0,6	5,6
Móveis e eletrodomésticos	22,0	-0,9	1,6	16,8
Art. farm. médicos, ortopédicos	13,2	6,7	8,0	18,6
Comércio ampliado	9,1	-2,4	-0,3	7,8
Automóveis e motocicletas	6,8	-2,6	-3,1	6,5
Material de construção	15,8	1,8	-1,5	9,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do Ceará recuou 0,4% no primeiro trimestre de 2013, em relação ao quarto trimestre do ano anterior, segundo estatísticas dessazonalizadas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). Ocorreram expansão de 1,3% no segmento industrial e retrações de 0,9% no setor de serviços, que representa cerca de 70% da economia local, e na agropecuária. O IBCR-CE cresceu 0,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando se elevava 1,8%, na mesma base de comparação, dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando haviam recuado 1,4%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se os aumentos nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 8,6%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 8%. O comércio ampliado, incorporando os recuos respectivos de 1,5% e 3,1% nas vendas de material de construção e de veículos, motocicletas, partes e peças, contraiu 0,3% no trimestre (retração de 2,4% no trimestre finalizado em fevereiro).

Considerando intervalos de doze meses, as vendas do comércio varejista aumentaram 8,3% em maio, em relação a igual período de 2012, com ênfase nas elevações nos segmentos combustíveis e lubrificantes, 22,2%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 18,6%. Na mesma base de comparação, o comércio ampliado, incorporando aumentos de 9,6% nas vendas de material de construção e de 6,5% nas de veículos, motos, partes e peças, cresceu 7,8%.

A produção industrial do Ceará recuou 2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 4,8%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Três das dez atividades pesquisadas contraíram-se, destacando-se o recuo de 13,1% na indústria têxtil.

A indústria do estado cresceu 0,2% no intervalo de doze meses encerrado em maio (0,7% em fevereiro), ressaltando-se as elevações nas atividades calçados e artigos de couro, 13,3%, e refino de petróleo e álcool, 10,3%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil somou R\$46 bilhões em maio, aumentando 4,3% no

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

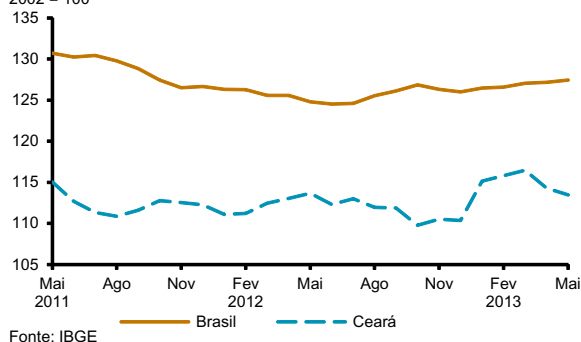


Tabela 2.21 – Produção industrial – Ceará

Geral e setores selecionados

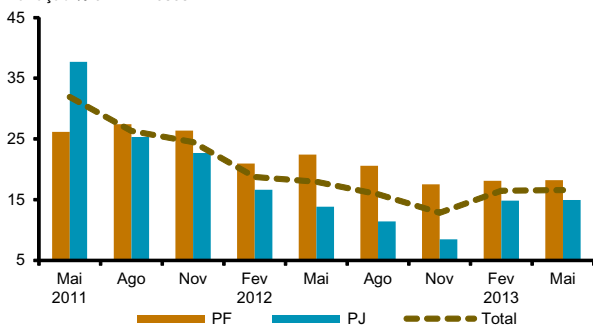
Setores	Pesos ^{1/} 2013	Variação % no período		
		2013		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	4,8	-2,0	0,2
Alimentação e bebidas	34,7	1,0	-0,9	-0,1
Têxtil	15,6	-0,2	-13,1	8,2
Calçados e artigos de couro	14,9	0,0	6,1	13,3
Produtos químicos	12,0	4,7	4,0	-9,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.22 – Necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado do Ceará	-349	-442	67	91
Governo estadual	-52	-247	66	90
Capital	-248	-121	2	4
Demais municípios	-49	-74	-1	-2

1/ Inclui informações dos Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

trimestre e 16,6% em doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$23 bilhões, com variações respectivas de 3,2% e 15% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações dos setores geração e transmissão de energia elétrica e construção civil. O saldo das operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$23 bilhões, elevando-se 5,4% no trimestre e 18,2% em doze meses, ressaltando-se o dinamismo das modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis.

A inadimplência atingiu 5,1% em maio (4,2% em fevereiro e 4,4% em maio de 2012). O aumento trimestral decorreu da expansão de 1,8 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e estabilidade no de pessoas físicas, cujas taxas situaram-se, na ordem, em 4,7% e 5,5%.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará atingiu R\$442 milhões no trimestre encerrado em março, aumentando 26,8% em relação a igual período de 2012. Houve elevações nos resultados do governo do estado, 371,2%, e dos demais municípios considerados, 52,9%, e recuo de 51,1% no *superavit* primário do governo da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$91 milhões, elevando-se 36% em relação ao primeiro trimestre de 2012. O *superavit* nominal totalizou R\$351 milhões, ampliando-se em 24,6% no período.

A dívida líquida do estado atingiu R\$3 bilhões em março (8,6% do endividamento regional), reduzindo-se 10,4% em relação a dezembro de 2012.

A safra de grãos do estado deverá somar 369,5 mil toneladas em 2013, de acordo com o LSPA de junho do IBGE. O aumento anual de 59,5% incorpora estimativas de expansão nas culturas de milho, 73,7%, e de feijão, 67,3%, que representam 81,4% da safra estadual. Em relação a outras culturas, destaque para a estimativa de aumento superior a 300% para a produção de castanha-de-caju.

A balança comercial do estado apresentou *deficit* de US\$1,2 bilhão no primeiro semestre do ano (*deficit* de US\$535,5 milhões em igual período de 2012) de acordo com o MDIC. As exportações atingiram US\$542,3 milhões e as importações, US\$1,7 bilhão, variando -11,8% e 51,5%, respectivamente.

O desempenho das exportações refletiu recuos de 7,7% nos preços e de 4,4% no *quantum*. Houve reduções

Tabela 2.23 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do Estado do Ceará e seus principais municípios^{1/}

UF	R\$ milhões						
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}	
		2012	Nominal		Outros ^{4/}		2013
		Dez	Primário	Juros			
Estado do Ceará	3 313	-442	91	-351	6	2 968	
Governo estadual	3 508	-247	90	-157	11	3 362	
Capital	147	-121	4	-117	-5	24	
Demais municípios	-342	-74	-2	-77	0	-419	

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. % 2013/2012
		2012	2013	
Produção de grãos		232	369	59,5
Milho	20,25	123	213	73,7
Feijão	19,14	53	88	67,3
Arroz (em casca)	2,30	51	63	22,7
Outras lavouras selecionadas				
Banana	9,75	416	444	6,7
Mandioca	6,86	469	639	36,3
Castanha-de-caju	5,61	39	165	328,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	615	542	-11,8	-2,4
Básicos	151	110	-27,3	-2,6
Industrializados	463	432	-6,7	-2,2
Semimanufaturados	156	126	-19,7	-3,8
Manufaturados ^{1/}	307	307	-0,0	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	1 150	1 742	51,5	6,7
Bens de capital	216	435	101,1	6,6
Matérias-primas	677	800	18,1	6,8
Bens de consumo	75	79	4,4	2,6
Duráveis	36	36	-2,0	-4,5
Não duráveis	39	43	10,4	11,9
Combustíveis e lubrificantes	181	429	137,1	10,6

Fonte: MDIC/Secex

em todas as categorias de fator agregado, com ênfase na retração de 27,3% nos embarques de produtos básicos, destacando-se a queda de 38,8% nos relativos a castanha-de-caju. As vendas de semimanufaturados recuaram 19,7%, com ênfase no decréscimo de 30,9% nas relativas a ceras vegetais. EUA, Alemanha, Argentina, Holanda e China adquiriram, em conjunto, 48,3% das exportações do estado no semestre.

A expansão das importações, resultante de aumento de 55,4% no *quantum* e recuo de 2,5% nos preços, decorreu de elevações nas aquisições em todas as categorias de uso, excetuando-se o recuo de 2,0% nas compras de bens duráveis, impactadas pela redução de 19,1% nas relativas a partes e acessórios de motocicletas. As compras de combustíveis e lubrificantes aumentaram 137,1% (elevação de 200,9% no item gás natural liquefeito – GNL), e as de bens de capital cresceram 101,1%, com ênfase nas aquisições de US\$183,9 milhões de outras turbinas a vapor, de potência maior do que 40MW, sem correspondência em 2012. As importações de matérias-primas e de bens de consumo elevaram-se, na ordem, 18,1% e 4,4%. Os produtos provenientes da China, Trinidad e Tobago, EUA e Argentina representaram 57,1% das compras externas do estado no período.

A economia cearense gerou, segundo o Caged/MTE, 5 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio (1,4 mil em igual período de 2012). Os setores construção civil e indústria de transformação foram responsáveis, em conjunto, pela criação de 2,5 mil vagas, ante eliminação de 3,2 mil no trimestre finalizado em maio de 2012.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro. Ocorreram aumentos nas oito atividades pesquisadas, com destaque para serviços industriais de utilidade pública, 1,9%, e agropecuária, 1,8%.

A variação do IPCA na RMF atingiu 1,19% no trimestre encerrado em junho (2,36% no primeiro trimestre do ano), segundo o IBGE. A redução decorreu de desaceleração, de 2,83% para 1,06%, nos preços livres, e aceleração, de 0,47% para 1,77%, nos monitorados.

No âmbito dos preços livres, a variação dos preços dos bens comercializáveis recuou 0,15 p.p., para 0,62%, destacando-se as elevações no item leite, 7,29%, e no grupo vestuário, 2,01%. A variação dos preços dos itens não comercializáveis retraiu 3,85 p.p., para 1,57%, destacando-

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012			2013	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	1,4	15,7	17,2	-6,9	5,0
Indústria de transformação	-1,2	4,5	4,3	-1,1	0,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,0	0,0	-0,2	0,1	0,1
Construção civil	-2,0	0,5	-1,0	-1,8	1,7
Comércio	0,6	1,8	8,3	-0,9	1,4
Serviços	4,4	5,8	5,7	-1,2	1,0
Agropecuária	-0,6	2,9	0,8	-2,4	-0,3
Outros ^{2/}	0,2	0,4	-0,5	0,4	0,3

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 2.28 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2012	2013		Ano
		Ano	I Tri	II tri	
IPCA	100,0	6,70	2,36	1,19	3,58
Livres	80,2	8,33	2,83	1,06	3,92
Comercializáveis	43,3	6,54	0,77	0,62	1,40
Não comercializáveis	36,9	10,69	5,42	1,57	7,08
Monitorados	19,8	0,69	0,47	1,77	2,25
Principais itens					
Alimentação	32,5	13,29	5,50	0,90	6,45
Habitação	13,1	2,48	-1,53	3,07	1,49
Artigos de residência	4,6	-1,91	1,81	0,08	1,90
Vestuário	7,6	4,46	-3,64	2,01	-1,70
Transportes	16,0	0,83	3,31	-0,23	3,07
Saúde	9,6	5,66	1,74	2,34	4,12
Despesas pessoais	8,7	12,74	1,42	1,49	2,93
Educação	4,3	9,08	5,52	1,41	7,01
Comunicação	3,7	1,20	-0,04	-0,65	-0,69

Fonte: IBGE

1/ Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

se os decréscimos nos itens passagens aéreas, 19,65%, e pescados, 3,07%.

O aumento na variação dos preços monitorados resultou, em parte, das elevações nos itens energia elétrica residencial, 7,48%; planos de saúde, 1,96%; e taxa de água e esgoto, 1,28%. O índice de difusão do IPCA atingiu 57,95% no trimestre finalizado em junho (59,61% no primeiro trimestre do ano).

Os principais indicadores econômicos indicam moderação da atividade no estado no decorrer de 2013, destacando-se o impacto negativo da seca, pelo segundo ano consecutivo. Em oposição, ressaltam-se os impactos favoráveis do aumento da massa salarial, da manutenção dos programas sociais do governo federal e do crescimento moderado do crédito, sobre a demanda por bens de menor valor agregado, e a consolidação de importantes investimentos, de caráter público e privado.

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco
Dados dessazonalizados

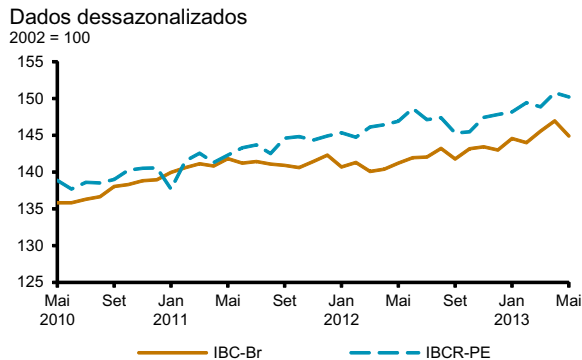
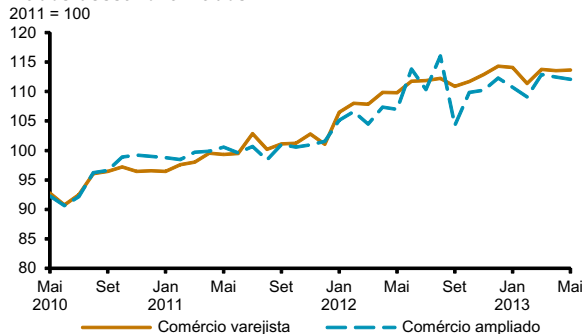


Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 2.29 – Comércio varejista – Pernambuco
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
	Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-0,1	1,3	0,4	8,1
Combustíveis e lubrificantes	1,3	2,4	7,8	3,6
Hiper e supermercados	-2,4	-2,2	-0,9	2,9
Tecidos, vestuário e calçados	0,1	9,4	-2,6	10,5
Móveis e eletrodomésticos	0,6	2,5	-2,9	10,2
Comércio ampliado	-4,6	2,4	1,6	8,2
Automóveis e motocicletas	-17,2	2,8	3,1	6,3
Material de construção	1,7	3,3	10,4	15,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 2.30 – Produção industrial – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2013	Variação % no período		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	3,6	2,0	-0,6
Alimentação e bebidas	35,4	4,2	3,2	-2,7
Metalurgia básica	15,4	3,5	-11,0	0,9
Química	14,4	6,5	9,9	-1,8
Minerais não metálicos	8,7	4,8	-1,7	-0,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Pernambuco

O PIB pernambucano cresceu 0,6% no primeiro trimestre do ano, em relação ao último de 2012, de acordo com dados dessazonalizados da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). O setor agropecuário expandiu 3,9%, seguindo-se os aumentos respectivos de 0,6% e 0,2% nos setores de serviços e industrial. O IBCR-PE variou 1,0% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 1,7%, neste tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. O indicador variou 1,9% no período de doze meses encerrado em maio (2,2% em fevereiro).

As vendas no varejo cresceram 0,4% no trimestre encerrado em maio (1,3% no trimestre finalizado em fevereiro), de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressaltem-se, no período, o aumento de 7,8% no segmento combustíveis e lubrificantes e as retrações respectivas de 2,6% e 2,9% nas vendas de vestuário e calçados, e de móveis e eletrodomésticos. O comércio ampliado, refletindo os crescimentos nas vendas de veículos, motocicletas partes e peças, 3,1%, e de material de construção, 10,4%, expandiu 1,6% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram 8,1% e 8,2%, respectivamente, em maio (9,9% e 8,7%, em fevereiro), destacando-se as elevações nas vendas de vestuário e calçado, 10,5%, e material de construção, 15,9%.

A produção industrial aumentou 2,0% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 3,6%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF/IBGE. Destacaram-se os crescimentos das indústrias química, 9,9%, e de alimentação e bebidas, 3,2%, e as reduções nas atividades de metalurgia básica, 11,0% e minerais não metálicos, 1,7%.

Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria recuou 0,6% em maio, em relação a igual intervalo de 2012, com ênfase no desempenho negativo da produção de açúcar e derivados, prejudicada pela seca.

O Ipei, divulgado medidos pela Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe) atingiu 56,8 pontos em junho (58,0 pontos em maio), situando-se no menor nível da série, iniciada em janeiro de 2010.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %

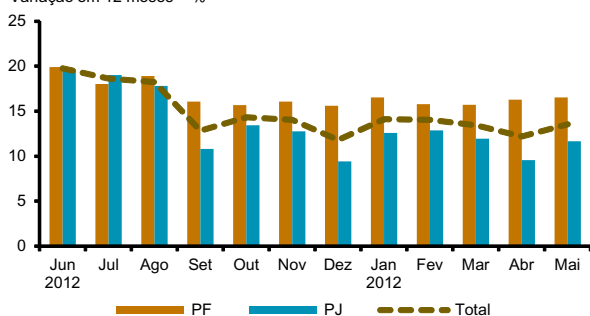


Tabela 2.31 – Necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado de Pernambuco	-444	-346	208	150
Governo estadual	234	-208	210	149
Capital	-542	-131	-1	1
Demais municípios	-135	-8	-1	-1

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 2.32 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2012	Nominal	Outros ^{4/}		
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Est. Pernambuco	5 425	-346	150	-196	-34	5 195
Governo estadual	5 336	-208	149	-58	-33	5 245
Capital	288	-131	1	-130	-1	158
Demais municípios	-199	-8	-1	-8	0	-207

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas em Pernambuco, totalizaram R\$69,8 bilhões em maio, crescendo 5,2% no trimestre e 13,6% em doze meses. O saldo relativo ao segmento de pessoas físicas atingiu R\$28,1 bilhões, elevando-se 5,0% e 16,5%, respectivamente, e as operações contratadas no segmento de pessoas jurídicas somaram R\$41,7 bilhões, elevando-se 5,3% no trimestre e 11,6% em doze meses. A taxa de inadimplência atingiu 3,0% em maio (3,05% de fevereiro), situando-se em 1,4% no segmento de pessoas jurídicas e em 5,38% no de pessoas físicas (recuos trimestrais de 0,04 p.p. e 0,07 p.p., respectivamente).

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos somou R\$346 milhões no primeiro trimestre de 2013 (R\$444 milhões em igual período de 2012). Ocorreram *superavits* nas esferas do governo estadual, R\$208 milhões; da capital, R\$131 milhões; e dos demais municípios, R\$8 milhões.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$150 milhões no primeiro trimestre de 2013 (reco de 27,8% em relação a igual período de 2012), destacando-se o impacto da redução, de 3,6% para 1,9%, na variação do Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI)01, principal indexador das dívidas estaduais com a União, no período. O *superavit* nominal somou R\$196 milhões no primeiro trimestre de 2013.

A dívida líquida de Pernambuco atingiu R\$5,2 bilhões em março (R\$5,4 bilhões em dezembro de 2012).

A produção de grãos do estado está estimada em 43,7 mil toneladas em 2013, segundo o LSPA de junho, do IBGE. O recuo anual, projetado em 15,1%, reflete, em especial, a perspectiva de retração de 88,1% na safra de milho, afetada pela seca na época de plantio. A produção de feijão deverá aumentar 51,6% no ano, estimulada pelo crescimento de 201,3% na segunda safra, cujo plantio ocorreu após a estiagem. As produções de mandioca, uva e cana-de-açúcar deverão aumentar 23,6%, 4,0% e 0,9%, respectivamente, e as de banana e tomate decrescer, na ordem, 13,9% e 24,5%, no ano.

O *deficit* da balança comercial do estado somou US\$2,9 bilhões no primeiro semestre de 2013 (US\$2,3 bilhões em igual período de 2012), segundo o MDIC. As exportações totalizaram US\$371 milhões e as importações, US\$3,3 bilhões, variando -54,8% e 4,9%, respectivamente, no período.

Tabela 2.33 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação % 2013/2012
		2012	2013 ^{2/}	
Grãos				
Feijão	6,6	18	28	51,6
Milho	2,1	18	2	-88,1
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	46,0	14 242	14 372	0,9
Uva	15,4	225	234	4,0
Banana	6,7	408	351	-13,9
Mandioca	3,8	342	422	23,6
Tomate	3,0	100	75,8	-24,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

Tabela 2.34 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total ^{1/}	821	371	-54,8	-2,4
Básicos	24	24	-0,5	-2,6
Industrializados	797	347	-56,5	-2,2
Semimanufaturados	146	114	-21,5	-3,8
Manufaturados	651	232	-64,3	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

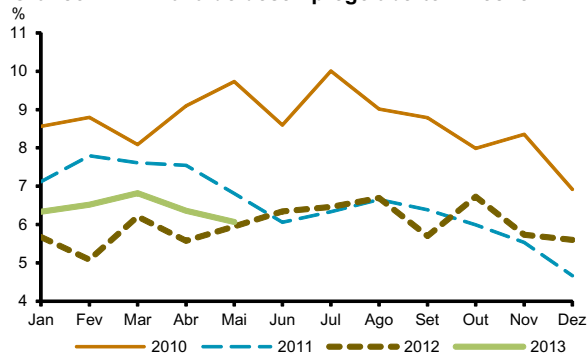
1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.35 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	3 145	3 297	4,9	6,7
Bens de consumo	294	316	7,3	2,6
Duráveis	145	171	17,9	-4,5
Não duráveis	150	145	-3,0	11,9
Bens intermediários	951	1 043	9,7	6,8
Bens de capital	473	385	-18,6	6,6
Comb. e lubrificantes	1426	1553	8,9	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

A redução nas exportações decorreu de recuos de 54,3% no *quantum* e 1,1% nos preços. Os embarques de produtos manufaturados decresceram 64,3%, refletindo a base de comparação inflada pela venda de uma plataforma de petróleo, e as de produtos semimanufaturados recuaram 21,5%, destacando-se o impacto da ausência de açúcar em bruto na pauta de 2013. Argentina, EUA e Portugal adquiriram, em conjunto, 34,8% das vendas do estado no período.

O aumento nas importações refletiu variações de 6,6% no *quantum* e -1,6% nos preços. As compras de combustíveis e lubrificantes, categoria de uso mais importante no estado, cresceram 8,9%. As aquisições de bens de consumo duráveis e de bens intermediários elevaram-se, na ordem, 17,9% e 9,7%, enquanto as de bens de capital e de bens de consumo não duráveis recuaram 18,6% e 3,0%, respectivamente. As compras externas provenientes dos EUA, Argentina e China representaram, em conjunto, 47,2% do total adquirido pelo estado no semestre.

Segundo o Caged/MTE, foram extintos 19,3 mil empregos formais em Pernambuco no trimestre encerrado em maio (5,6 mil em igual período de 2012), dos quais 4,5 mil na construção civil e 2,5 mil nos setores comércio e serviços, conjuntamente (criação de 4,5 mil e 8,5 mil postos, respectivamente, em igual trimestre de 2012). O nível de emprego formal cresceu 0,9% em relação ao trimestre encerrado em fevereiro, quando havia recuado 1,9%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da RMR atingiu 6,4% no trimestre encerrado em maio (5,9% em igual período de 2012), de acordo com a PME/IBGE. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 6,1%, ante 6,3% no trimestre encerrado em fevereiro, resultado de elevação de 0,1% na população ocupada e estabilidade na PEA. Os rendimentos médios habituais reais recuaram 1,8% no trimestre.

O IPCA da RMR aumentou 1,80% no segundo trimestre de 2013 (2,27% no trimestre anterior), ocorrendo desaceleração dos preços livres, de 3,02% para 2,01%, e reversão, de -0,43% para 1,02%, na variação dos preços monitorados.

No âmbito dos preços livres, a inflação dos bens comercializáveis recuou de 1,90% para 1,16%, com ênfase no impacto das reduções nos itens frango inteiro, 11,35%;

Tabela 2.36 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012			2013	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	-5,6	22,0	23,5	-25,5	-19,3
Indústria de transformação	-18,0	8,6	14,5	-15,7	-10,5
Comércio	1,9	0,7	9,0	-3,1	-3,9
Serviços	6,6	2,3	2,9	-2,5	1,3
Construção civil	4,5	2,0	-0,5	0,5	-4,5
Agropecuária	-0,6	8,6	-1,9	-5,3	-2,3
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	-0,4	-0,6	0,5	0,5
Outros ^{2/}	-0,1	0,1	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Tabela 2.37 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012		2013	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,48	2,03	2,27	1,80
Livres	78,8	1,84	2,41	3,02	2,01
Comercializáveis	40,2	1,65	2,37	1,90	1,16
Não comercializáveis	38,6	2,03	2,45	4,24	2,91
Monitorados	21,2	0,22	0,72	-0,43	1,02
Principais itens					
Alimentação	27,3	3,73	3,73	5,79	2,08
Habitação	13,2	0,83	1,39	-1,27	2,65
Artigos de residência	5,2	-0,37	2,21	2,09	1,09
Vestuário	7,8	0,71	1,49	0,09	3,68
Transportes	15,3	-0,05	1,07	1,60	-0,62
Saúde	12,6	1,25	1,30	1,61	2,89
Despesas pessoais	9,8	2,21	2,71	1,54	2,62
Educação	4,7	0,69	0,33	5,27	0,33
Comunicação	4,2	-0,20	0,94	-0,79	0,13

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2013.

carnes, 1,70%; e automóvel novo, 1,0%. Os preços dos bens não comercializáveis desaceleraram de 4,24% para 2,91%, no período, destacando-se os recuos nos itens passagens aéreas, 16,60%, e raízes, tubérculos e legumes, 4,63%.

O comportamento dos preços dos bens monitorados refletiu, em especial, os aumentos nos itens produtos farmacêuticos, 5,09%; planos de saúde, 1,99%; e energia elétrica residencial, 2,45%. O índice de difusão atingiu 68,63% no segundo trimestre do ano (70,30% no trimestre anterior).

Considerados intervalos de doze meses, o IPCA da RMR variou 7,79% em maio (8,21% em fevereiro). Os preços livres aumentaram 9,60%, ressaltando-se a elevação de 16,20% no grupo alimentação e bebida, e os preços monitorados cresceram 1,53%, com ênfase nos acréscimos nos itens planos de saúde, 8,21%; produtos farmacêuticos, 5,72%; e gás de botijão, 11,88%.

O ritmo de crescimento da economia pernambucana passou a situar-se em patamar próximo ao nacional, nos trimestres recentes. Esta dinâmica reflete, em parte, a menor demanda no mercado de trabalho, em especial na construção civil, determinada pela conclusão de parte dos investimentos públicos e privados realizados no estado; e o menor dinamismo do setor agrícola, impactado por condições climáticas adversas.